

En attendant les Ursulines

Prezado Editor,

Muito simpático e, sobretudo, muito tranquilizador verificar que o "reconhecimento generalizado" não é o objetivo principal de *Tensão no Rio*. Resta saber quantos iluminados terão saltado alegremente na cadeira ao identificar as referências a *Topázio* e a *Los Ambiciosos*. Haja ambição.

Falando sério: Acho normal que o autor defenda sua cria. Nesse sentido, uma réplica minha agora sequer se justificaria: o filme está aí para ser visto, e quem se der o trabalho de conferir com meu artigo poderá, sem muito esforço, tirar suas conclusões. O próprio Gustavo confessa na carta seu "imbróglia" e ainda acrescenta "com a autoridade que me dão os prêmios que acumulei". É o popular *fiz sim! e daí?* que lamentavelmente ainda parece vigorar entre nós, conseqüência, talvez, de um excessivo acúmulo de pequenos e secretos orgulhos do passado.

Mas se aqui vai uma resposta, não é tanto para polemizar em torno do filme, e sim para fazer uma pergunta. O fato de eu ser do ramo, e de escrever sobre um filme que supostamente tenha a ver com política externa, é ironizado por Gustavo Dahl, aí implícita (e o mesmo ocorre quando o diretor me chama de professor) uma idéia de incapacidade, ou inadequação ao ofício de crítico (que eu desenvolvi, por sinal, desde 1968, no *O Jornal* e, depois, no *Correio da Manhã*). Pergunto: se o artigo tivesse sido favorável ao filme, se ao invés de críticas tivessem jorrado aplausos, alguém invocaria minha condição de diplomata para impugnar os elogios?

Pouco provável. Porque não é o fato de eu ser diplomata que incomoda, e sim o fato de eu ter sido pouco

diplomata. Quanto a professor, não se assuste Gustavo: pouco diplomata (na crítica) sou, porém, bom professor. Se o próprio diretor tivesse passado por minha sala de aula nos quatro anos em que lecionei na Universidade de Brasília, esta troca de cartas, por exemplo, jamais teria ocorrido. E quem sabe estivéssemos todos agora, secretamente orgulhosos, com uma cópia do *Pariscopes* nas mãos, conferindo a próxima estréia de *Tensão no Rio* no doce *Studio des Ursulines*?

Abraços afetuosos,

Edgar Telles Ribeiro

Batalhador solitário

Apesar de ser contemporâneo do avião, o cinema tem viajado muito de trem. Não é preciso citar um dos primeiros "sucessos" dos Irmãos Lumière (*A Chegada do Trem na Estação de La Ciotat*) para se ter uma boa idéia disso. Basta acompanhar o próprio desenvolvimento da História do Cinema para se verificar que essa afirmação é verdadeira.

Meu último encontro com Marcos Farias começou num vagão-restaurant de um trem — *Santa Cruz*, viajando do Rio para São Paulo. (Este último encontro desenvolveu-se ainda mais durante o I Encine, congresso do Cinema Brasileiro que os cineastas paulistas organizaram no ano passado.)

Curiosamente, meus primeiros contatos com Marcos também tinham a ver com trens.

No final dos anos 50, os bate-papos dos futuros "criadores" do Cinema Novo se davam na Rua Araújo Porto Alegre, no famoso (e hoje extinto) Bar Vermelhinho, que ficava em frente ao prédio da Associação

Brasileira de Imprensa onde eram realizadas as sessões da Cinemateca do Museu de Arte Moderna. Os horários dessas sessões eram de modo a facilitar e traír o interesse das pessoas que após o expediente se reuniam para verificar e discutir o bom cinema

Marcos Farias (Marcos Ney Silveira de Farias) fazia parte desse grupo de amigos, do qual eu era um observador principiante e curioso. Cada um de nós vinha de uma atividade diferente. O caso mais interessante era o de Joaquim Pedro de Andrade que estudava Física na Faculdade Nacional de Filosofia e estava prestes a largar tudo pelo cinema. (Todos esses fatos apresentados aqui são fiéis à realidade, salvo quanto à cronologia, ponto no qual tenho o defeito de fraquejar.)

Joaquim Pedro reunia em sua casa de Ipanema esse grupo de pessoas*, mas nunca participei dessas reuniões. Infelizmente. Cursava o segundo ou terceiro ano da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica e trabalhava na Companhia Vale do Rio Doce.

Minha adesão às sessões da ABI se deu por um interesse antigo pelo cinema e pela necessidade de aprofundar os conhecimentos instintivos, devido à obrigação de escrever semanalmente sobre o assunto para *O Metropolitano*, jornal da União Metropolitana de Estudantes.

Meu pai, oficial do Exército, agregou-se por três ou quatro vezes, assumindo cargos civis. Esses cargos, invariavelmente, eram na área de viação e obras (leia-se hoje: "Transportes"). Foi diretor da Rede Viação Paraná—Santa Catarina, da Estrada de Ferro Santos a Jundiá, da Estrada de Ferro Central do Brasil e trabalhou no gabinete do Ministério ao qual essas ferrovias eram subordinadas.

O trem elétrico que ganhei em Curitiba, num Natal do fim dos anos 40, nos acompanhou até a volta ao Rio. Meu pai morto, o trem elétrico aí está, brinquedo de adulto, testemunho da fidelidade do militar excêntrico ao meio de transporte mais cinematográfico. Com o trem, ficaram também uma filmadora Paillard-Bolex (16mm) e um projetor Bell & Howell que se uniram a esse expressivo espólio.

Este artigo versa sobre a saudade, mas não é monopólio familiar nem pessoal. Faço este testemunho porque, fundamentalmente, não posso deixar de anotar algumas maneiras pelas quais cheguei ao cinema e, sobretudo, a conhecer Marcos Farias.

O primeiro filme dele, justamente, foi *O Maquinista*, e são inesquecíveis, na cabeça deste cronista, as imagens de um dia de filmagem no pátio de manobras da gare Barão de Mauá, da Estrada de Ferro Leopoldina. Nas discussões sobre cinema cabia sempre a ele a parte referente à economia, à organização financeira da produção ou da "nascente" indústria cinematográfica nacional, a ponto de se cogitar com dificuldade das posturas do Marcos Farias diretor de filmes. Sempre que ouço os nomes de Jacques Deheinzelin ou de Cavaleiro Lima a imagem adulta de Marcos (destacada no meio lúdico que é o do cinema carioca...) me vem à cabeça.

A aventura turfística o repôs no clima aparentemente ficcional que nos circunda. Um grupo de cineastas (eu inclusive) participou de uma espécie curiosa (e frustrada) de *joint venture* comprando o potro *Martel* que passou a representar e a defender parte considerável do cinema brasileiro no Hipódromo da Gávea. Estranha coprodução esta, que ao menos promo-



Mara Rúbia em *Tem Bububu no Bobobó*

veu o conagraamento de um grupo razoável de pessoas que passaram a se reencontrar durante as tardes e as noites das corridas.

Um Favelado, Sexto Páreo, A Vingança dos Doze, Fogo Morto, A Cartomante, Tem Bububu no Bobobó, sem falar da sua participação na Saga Filmes (*São Bernardo, Garota de Ipanema, Todas as Garotas do Mundo*), mostram também a outra faceta desse catarinense que dedicou grande parte de sua vida lutando pela manutenção da Cooperativa Brasileira de Cineastas.

As pessoas queridas mas longínquas nos deixam, às vezes sem querer, um travo de repreensão. (Esta informação se beneficia também da recíproca.) A distância que nos separa parece às vezes culpa nossa. O Marcos Farias batalhador solitário da Cooperativa, com idéias concretas sobre o futuro do cinema brasileiro, não foi nem será esquecido.

David Neves

* Nesses encontros: Paulo Cezar Saraceni, Saulo Pereira de Mello, Cláudio Mello e Souza, Henrique Martins, Sérgio Montagna, Marcos Farias, Miguel Borges, Mário Carneiro, e outros.